



Pequeno roteiro em um campo não traçado¹

Jairo Getulio Ferreira – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Coordenador²

José Luiz Braga – Universidade do Vale do Rio dos Sinos³

Irene Machado – Universidade de São Paulo⁴

José Francisco Pimenta – Universidade Federal de Juiz de Fora⁵

Resumo

¹ Mesa apresentada no Multicom – II Colóquios Multitemáticos em Comunicação

² **Jairo Ferreira.** Professor adjunto no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Atua principalmente nos seguintes temas: epistemologia, mediatização, dispositivos, campos das mídias e circulação. É integrante de comitê gestor de rede temática de investigações sobre mediatização na América Latina, com pesquisadores do Brasil, Argentina, Uruguai e Colômbia. Publicou 29 artigos em periódicos especializados no Brasil e no Exterior, e participou de 27 eventos nacionais e internacionais na área da comunicação. Formado em Jornalismo (UFRGS, 1982) e Ciências Econômicas (UFRGS, 1992), é mestre em Sociologia (UFRGS, 1997) e doutor em Informática na Educação (UFRGS, 2002), com sanduíche nos Arquivos Jean Piaget e na Unidade de Tecnologias Educacionais da School of Psychology and Education, University of Geneva (2000). Coordenou o GT de Epistemologia da COMPÓS entre 2004-2006. jferreira@unisin.br

³ **JOSÉ LUIZ BRAGA** é professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos (RS) desde 1999, tendo coordenado o Programa de 2002 a 2004. Doutor em Comunicação pela Université de Paris II, Institut Français de Presse (1984). Foi pesquisador em TV Educativa no Instituto de Pesquisas Espaciais (Projeto Saci). Foi professor no Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – 1978-87) e da Universidade de Brasília (UnB – 1987-99), tendo sido, nesta última, Diretor da Faculdade de Comunicação. Foi Presidente da COMPÓS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) gestão 1993-95. É autor de “A sociedade enfrenta sua mídia – dispositivos sociais de crítica midiática” (Editora Paulus, São Paulo, 2006); e de outros livros e artigos acadêmicos na área da Comunicação. jlbraga@unisin.br

⁴ **Irene Machado.** Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo; Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Fundadora da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (2001-2003). Idealizadora do Projeto e Editora Científica de *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação. Semiótica. Cultura* (2001-2004). Coordenadora do projeto CNPq “Semiosfera: Espaços Semióticos Compartilhados”. Autora, dentre outros, de *Analogia do dissimilar. Bakhtin e o formalismo russo* (1985); *O romance e a voz. A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin* (1994); *Escola de semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para os estudos da cultura*. Foi professora de Semiótica da Cultura no PEPG de Comunicação e Semiótica da PUC-SP (1998-2005). Desenvolve e orienta pesquisas sobre as linguagens da comunicação a partir dos pressupostos da semiótica da cultura. irenemac@uol.com.br; irenearm@eca.usp.br

⁵ **Francisco José Paoliello Pimenta.** Possui graduação em Curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1981), mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sendo um ano como pesquisador CNPq na Tisch School of the Arts da New York University (1993). Foi jornalista dos Diários Associados, revista Manchete, Agência Estado e Jornal da Tarde e tradutor. Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Visual, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação, semiótica, hipermídia, ativismo global e multimeios. paoliello@acessa.com



A mesa se propõe a debater perspectivas diferenciadas sobre o campo com o objetivo agonístico de fazer sentido entre percepções diferenciadas a respeito do campo da comunicação, procurando articulá-las, mesmo em conflito e desafios. Como base para esse debate a mesa toma como ponto de partida o artigo “Pequeno roteiro em um campo não traçado”. Tendo como base a percepção de três instâncias geradoras de conhecimento sobre “comunicação” – a experiência prática, a filosofia e as demais ciências sociais – propõe-se que o campo de estudos se elabora recebendo antecipações e hipóteses desses âmbitos já estabelecidos. Na insuficiência possível dessas preparações pode gerar questões e hipóteses que sendo já próprias, constroem o campo.

Palavras-chave

Comunicação; epistemologia; teorias.

Proposta da Mesa: Pequeno roteiro em um campo não traçado

José Luiz Braga

Os conhecimentos referentes ao “comunicar” (compartilhar, transmitir, informar, fazer chegar mensagens, dialogar, convencer, debater, polemizar, articular, gerar entendimento, gerenciar desentendimentos, ler, compreender, interpretar,... – subsumidos em conjunto à noção de “interação”) – há muito existem, na ordem dos saberes tradicionais, em pelo menos dois níveis:

- o do mundo da experiência (não “externamente” pensada, mas apenas exercida em suas incidências da prática, do fazer), voltados para os objetivos direcionados da própria interação humana e social;

- e o de um exercício refletido (gerando, portanto, pensamento observador e ideacional) subsumido a instâncias mais ou menos especializadas – em todo caso, direcionadas. E aí temos as perspectivas da retórica, da agonística, dos processos em geral da fala, da escrita, das linguagens, da sociologia, da educação, da política, da psicologia social... – cada qual percebendo e trabalhando questões “de interação” segundo as lógicas específicas de seu âmbito de conhecimento e de experiência.

Na sociedade contemporânea – a partir de um longo processo de gestação, que certamente começa com Gutenberg e se desenvolve com aceleração durante o século XX – um componente significativo dessas interações é formado pelos processos mediatizados. Significativo não só por sua proporção, mas sobretudo pela incidência ampliada em todos os relacionamentos humanos e sociais, por uma “penetrabilidade” processual que faz do mediático um processo interacional crescentemente “de referência”, mesmo nas comunicações interpessoais (Braga, 2007).

É claro que as duas “preferências de objeto” acima explicitadas (interações e mídia) não resolvem a questão do foco disciplinar, no sentido de uma suficiência para *definir* o campo de estudos. Ao contrário, são duas noções que reabrem toda a



perspectiva de reflexão – atravessando amplamente as ações humanas e os âmbitos de conhecimento sobre estas. Nenhum “objeto” (empírico ou conceitual, especificado ou abrangente) é suficiente para demarcar uma área de conhecimento consistente, com boa articulação interna e identidade produtiva – resta sempre estabelecer questões “próprias” e articular de algum modo tais questões.

Por isso mesmo, e na confluência com a multiplicidade de questões da *prática social* e dos *aportes de conhecimento em construção*, nosso campo de estudos se apresenta como um conjunto de núcleos diversos e instigantes, em processo de desenvolvimento – entre os quais não se estabelece claramente um traçado articulador definido. O principal problema, talvez mais que uma definição de objeto ou fronteiras, seria o de fazer sentido na diversidade daqueles núcleos de percepção e de questionamento, dentro do próprio campo.

Temos um campo de estudos e pesquisa em Comunicação claramente percebido – em suas visadas gerais, em alguns temas recorrentes, com uma história de construção já significativa. Em alguns países, com uma presença institucional muito definida – como no Brasil, com os PPGs da área e entidades congregadoras como, por exemplo, a COMPÓS e a INTERCOM.

Por outro lado, *dentro* desse campo, encontramos uma diversidade marcada de objetos, de visadas específicas, de preocupações e abordagens. Este seria o atual estágio de constituição da área de conhecimento. O problema imediato não seria o de assegurar um *estatuto* de “disciplina científica” em sentido positivista – mas sim o de desenvolver a área (o campo, o âmbito – com a designação que tenha) – de modo a que tais “núcleos” diversos de construção se estimulem mutuamente, se articulem, se desafiem. É na medida do sucesso de tais “sinapses” que estaremos validando uma consistência de conhecimentos relevantes não elaborado alhures, em outras disciplinas.

* * *

É assim que o campo se pensa. O que caracteriza o âmbito de reflexão é seu relacionamento com um “objeto” abrangente e complexo: conhecimentos no campo da Comunicação, seus processos de obtenção, questões pertinentes à validade e à necessidade social desse conhecimento. Em meio à diversidade, um ponto sólido para o pesquisador e para o leitor interessado em tais questões pode ser, na interpretação que faça de tais textos, observá-los segundo essa questão geral: o que *fazem com relação à*



construção de conhecimentos no campo da Comunicação? Trata-se de refletir, para além dos aportes nas questões que enfocam, sobre suas contribuições para uma percepção de campo. Esse ângulo de abordagem dos artigos parece gerar interpretações perceptivas, mesmo quando a ação de um texto corresponda centralmente a negar a possibilidade ou o interesse de um conhecimento especificado por tal área.

Uma segunda tarefa, para o pesquisador, é a de participar do trabalho articulador entre esses ângulos de abordagem. A própria diversidade de questões que se oferecem se coloca como questão instigante, quando se está preocupado com uma *percepção de campo*.

Para dar sentido ao conjunto – seria preciso reduzir a diversidade a partir de decisões teóricas prévias? Fazer tentativas de hierarquização entre os diferentes elementos? Procurar sistematizar de algum modo? Reconhecer o campo como âmbito fragmentário irredutível? Uma das alternativas que pareceu tentadora, em um determinado momento, na história do campo de estudos, foi o de acolher a diversidade como expressão mesma de um âmbito não “domável” por critérios disciplinares, levando à perspectiva do campo como um mero encontro de práticas interdisciplinares.

Não parece ainda provável que se consiga – no estado atual da área – estabelecer uma espécie de “teoria geral” que possa dar conta de três requisitos: *definir o campo* de modo terminante; *estabelecer fronteiras* claras com os conhecimentos vizinhos; *estabelecer critérios de pertinência* que caracterizem de modo perfeito “o que pertence ao campo da comunicação” e o que deve ser considerado matéria de reflexões alheias. Percebendo essa improbabilidade atual de uma “teoria geral do campo”, devemos assinalar, porém, que uma área de conhecimentos é constituída muito mais pelas perguntas que articula sobre o mundo, que pelas teorias que oferece.



* * *

Recusando a facilidade do “interdisciplinarismo” da área e o conformismo fragmentário; e considerando que ainda não se elaborou uma teoria que realize aquela concentração conceitual sem amputar ângulos indispensáveis, o que fazer?

É preciso, de todo modo, reconhecer especializações diversas do olhar, voltadas para diferentes questões comunicacionais – sem autorizar, porém, pretensões imperialistas (“*isso* abrange a totalidade do campo, subsumindo todas as demais perspectivas”) ou reducionistas (“*isso* – e mais nada – é o campo da Comunicação”). Reconhecidas as perspectivas “especializantes”, podemos assumir suas contribuições e os desafios mútuos, a não-redução de uma a outra perspectiva. Mas junto com essa “flexibilidade” é fundamental cumprir dois requisitos antidispersores: buscar articulações transversais entre os diversos ângulos (que não se sustentam na simples afirmação do tipo “*isso também é comunicação*”); e, no caso de ações propriamente interdisciplinares e de interface (são duas questões diferentes), demarcar claramente o que se propõe como questão ou ângulo propriamente *comunicacional*. Tais perspectivas seriam propiciadoras, creio, no médio prazo, de um crescente desentranhamento de questões comunicacionais.

Na base dessas *démarches*, é relevante lembrar os encaminhamentos e preocupações que – embora partindo de objetivos e de “lógicas” diferenciadas – voltaram-se consistentemente sobre uma determinada ordem de fenômenos que parecem impregnar todas as ações humanas. Três diferentes instâncias de conhecimento estabeleceram historicamente suas visadas e procedimentos, práticos ou reflexivos. Se os objetivos e táticas destas três instâncias são muito diferenciados (gerando a diversidade assinalada, inclusive dentro de cada instância), é sobre uma mesma macro-problemática que se voltam, determinando um parentesco de fundo entre suas perspectivas

A primeira instância que tem estimulado (e oferecido) questões e problemas percebidos como “de comunicação”, não diretamente subsumida a conhecimentos academicamente sistematizados, é a das práticas sociais - profissionais e ou não. Práticas, mesmo quando possam ser referidas a conhecimentos de ordem científica ou acadêmica, não são *disciplinarmente* regradas. No seu desenvolvimento, nutrem-se da própria experiência e – em uma sociedade ampliadamente tecno-científica – elaboram suas auto-explicitações, ultrapassando o nível de prática muda para expressar e



direcionar seus processos. Assim, os âmbitos da produção mediática, de sua recepção e dos processos em geral que dizem respeito a interações, têm oferecido questões para múltiplas especialidades e para a observação interessada das diversas ciências humanas e sociais.

Outro espaço de “produção do comunicacional” tem sido a reflexão filosófica sobre questões referentes à interação humana – tratando, por exemplo, das relações indivíduo/massa, da industrialização da cultura, de fenômenos modificadores de padrões vigentes de debate público, das relações entre o público e o privado na sociedade contemporânea, de critérios de “verdade” nas negociações de sentido, dos processos éticos na ação de convencer, etc. Sendo a filosofia por definição supradisciplinar, tal âmbito de reflexões percebe e/ou propõe grandes regularidades e questões abrangentes, que “atravessam” os diferentes conhecimentos especializados. Nesse nível de gestação – em que se trazem relevantes aportes geradores e sistematizadores do pensamento, importantes para o campo – não se resolvem, é claro, os processos de especificação.

O terceiro nível de abrangência e “dispersão” é o das diversas disciplinas acadêmicas de conhecimento social. Na medida mesmo das questões sociais que se colocam em todas as áreas de ação e dos encaminhamentos da filosofia, as diferentes disciplinas (em momentos diferentes e com ênfases diversas) também se preocupam com os problemas comunicacionais, relacionando-os consistentemente a seus enfoques próprios.

O que estes três âmbitos de processamento e reflexão têm produzido, ao longo de mais de cem anos, é uma formidável proliferação de problemas concretos, de questões postas à investigação, de reflexões ensaísticas, de proposições de apreensão, de hipóteses heurísticas e prospectivas. Uma parte significativa destas “matérias do pensar” nos vem, certamente, da filosofia e das ciências humanas e sociais em geral.

Nesse âmbito de múltiplos afluentes é que a área está se construindo, através de pesquisa e da reflexão de seus pesquisadores.

* * *



Segundo Alain⁶ (p. 295-304), a perspectiva de Auguste Comte – que nos interessa não como positivista, mas com certeza enquanto precursor da sociologia – ao tratar do desenvolvimento das disciplinas científicas, assinala um processo de construção em que cada disciplina tem ponto de partida em outra, historicamente anterior. É assim que Comte propõe a série histórica: matemática – astronomia – física – química – biologia – sociologia. Prefigurando nesse processo uma sociologia do conhecimento, elabora percepções que podem ser sintetizadas através das seguintes proposições e inferências, correlatas entre si⁷.

Os processos de uma determinada ordem são submetidos a leis percebidas em uma ordem anterior de fenômenos. Em consequência dessa articulação dos próprios fenômenos, e dadas as percepções anteriores realizadas por disciplina já existente, as perguntas (problemas de pesquisa) de uma disciplina em construção não podem ser convenientemente postas senão depois de uma preparação preliminar, que se elabora na disciplina anterior. Assim, as primeiras tentativas bem sucedidas de resposta sobre determinados ângulos solicitadores de análise e interpretação, resultam de julgamentos parciais e de antecipações elaboradas em disciplina anterior. Isso corresponde a dizer que a ciência “estabelecida” fornece naturalmente as primeiras hipóteses sobre questões que começam a ser postas no processo de derivação disciplinar. Como corolário, a disciplina precedente tende a considerar a disciplina que se segue apenas como uma província de seu território. A partir da insuficiência de respostas, sobre a ordem de fenômenos em foco, no âmbito da ciência anterior, é que começa a se desenvolver a nova disciplina. Na medida de seu desenvolvimento, descobertas na disciplina subsequente podem reagir sobre a disciplina precedente, provocando novas pesquisas no âmbito próprio desta. Paralelamente, a nova disciplina estabelece suas características próprias.

Tais regularidades da derivação disciplinar parecem descrever com acuidade os processos que encontramos recorrentemente nos trabalhos da pesquisa e da reflexão sobre a comunicação, e podem ser usados para compreender o estado atual da área de estudos em Comunicação.

⁶ Alain. *Idées. Introduction à la philosophie – Platon, Descartes, Hegel, Auguste Comte*. [1939] Paris, Paul Hartmann, 1947.

⁷ Alain não expõe as proposições nos termos que apresentamos. Descreve as percepções de Comte sobre as relações de derivação entre pares de “ciências fundamentais” da série referida, explicitando os processos específicos aí ocorridos. Nosso texto re-elabora, apresentando os processos na forma das proposições gerais decorrentes, que se inferem diretamente dos processos singulares tratados.

* * *

Com estas perspectivas, a questão do desentranhamento (Braga, 2004) se coloca não como “separação” entre os elementos comunicacionais e elementos de outras ordens de reflexão e pesquisa, distribuindo-os entre o nosso campo e o da disciplina de interface. Mas sim como desenvolvimento de perguntas que não seriam feitas no âmbito “original” de tratamento do objeto – uma vez que estas perguntas, aí, se restringem aos interesses e perspectivas ditados pelas lógicas próprias desse âmbito “de partida”. Utilizando-se de todo aporte fornecido pela disciplina “estabelecida”, o esforço é superador, e não de simples distinção. Corresponde a uma verdadeira dialética em que o aporte original deve ser mantido, entretanto em um outro patamar, no qual se fecunda por outros ângulos de questionamento.

A perspectiva de uma disciplina de conhecimento tendo origem em outra, no caso da Comunicação, apresenta uma singularidade – correspondendo ao fato de que o campo se forma não a partir de uma disciplina específica, através de uma extensão inicialmente desta para novos âmbitos que em seguida gerariam novas questões, próprias. No caso da Comunicação, parecem ocorrer extensões múltiplas, a partir de diversas disciplinas que, voltando-se para diferentes ângulos de uma problemática, “se encontrariam” em preocupações mais ou menos comuns. Essa situação é que, provavelmente, explica a ilusão de “campo interdisciplinar” – ou corresponde a um momento na dinâmica processual da constituição do campo.⁸

É claro que tal singularidade comporta dificuldades peculiares, uma vez que não se pode elaborar reflexões apenas direcionadas para a busca de distinção/superação com relação à disciplina única da qual a área nova estaria se distanciando. É preciso, aí, ordenar aportes muito distintos na origem, ampliando-se a complexidade da tarefa. Pois embora as preocupações gerais das diferentes disciplinas sejam difusamente compartilhadas, apresentam-se muito diversamente construídas, a partir de visadas, de lógicas de produção de conhecimento e de objetivos específicos.

Por outro lado, a situação não deixa de comportar semelhanças com construções disciplinares anteriores, historicamente dadas. A perspectiva de Auguste Comte enfatiza aquela espécie de “derivação” disciplinar, como se a nova área de conhecimento se

⁸ Atualmente já não percebemos uma presença freqüente dessa posição, enquanto preferência *argumentada* – embora talvez se mantenha como justificativa fácil de uma certa dispersão (aliás, em contradição com o próprio sentido articulador do “interdisciplinar”).



distinguisse apenas de um campo já construído. Mas sabemos que, além disso, os conhecimentos organizados em disciplinas tiveram sempre, antes, um período de gestação no âmbito mesmo da filosofia que, na sua vocação de *pensar* (muito concretamente, ainda que em termos abstratos) os problemas humanos, não espera o surgimento de processos verificáveis para fazer interpretações e encaminhamentos.

Além disso, problemas diretamente “de sociedade”, recebidos da realidade social, igualmente fecundaram o desenvolvimento científico⁹. De modo que a derivação a partir de múltiplos aportes não chega a ser uma situação radicalmente *sui-generis*. Complementarmente, se as dificuldades resultantes de uma oferta disciplinar múltipla determinam uma complexidade particular para a produção de nosso campo de estudos, essa multiplicidade fornece, também, um trunfo especial. O fato de que estamos a braços com perguntas inicialmente estimuladas por mais de uma disciplina “de origem”, obrigando a fazer pontes e articulações entre tais questões (o que nem sempre é fácil, admitamos, levando a quebras – talvez necessárias – de rigor); evidencia mais claramente a “insuficiência” de cada um desses ângulos de questionamento e a necessidade de constituição de um outro patamar em que tais ângulos se recomponham em mais que simples somatória de perspectivas – um espaço em que a diversidade e as “contradições” se resolvam.

Uma coisa que parece distinguir o campo seria a agregação de perguntas diversas que, se às vezes são feitas por uma das “disciplinas fornecedoras” não são feitas pelas demais. Sobre esse conjunto de perguntas – complementares, mas díspares em suas bases – o campo constrói (ou deve construir) questionamentos novos e/ou articuladores que, por isso mesmo, estão fora do alcance das disciplinas precedentes. Nessa derivação científica os aportes são então necessários – mas o que importa substancialmente são as perguntas que se podem fazer aos objetos principais de interesse baseadas naqueles aportes *e que não seriam feitas diretamente* pelas disciplinas de origem dos aportes.

A lógica da derivação disciplinar do campo seria então a de um *trabalho de elaboração* (a) de questões pertinentes ao quadro conceitual “anterior”, na disciplina precedente (exterior ao campo da comunicação) e portanto “delimitadas” por aquele

⁹ Como, por exemplo, na hipótese de que as questões de agrimensura estejam na base do desenvolvimento da geometria euclidiana.



quadro; em direção a (b) questões solicitadas pelo estado das coisas, já sem dependência com relação às promessas e limites do quadro anterior.

A partir de certo ponto, para quem se mantém rigorosamente naquele quadro anterior (porque aí estaria o âmbito epistemológico de segurança), diante do campo em construção e dos aportes ainda não articulados, só resta uma impressão de caos e desânimo. Mas isso não significa que o único caminho para superar a percepção de um conjunto desordenado seja *reduzi-lo* à harmonia interna, através de uma teoria abrangente.

Uma *elaboração teórica* do campo pareceria exigir a produção de dois tipos básicos de “respostas”: uma distinção marcada com relação às demais disciplinas; e uma “composição harmônica” do campo. É claro que tais objetivos devem ser continuamente buscados – mas não creio que o trabalho do campo dependa de tais elaborações e de seu atingimento.

Na elaboração das perguntas “próprias do campo”, não é simples assegurar o “lugar do questionamento” – uma vez que as disciplinas vizinhas crescentemente geram novas e novas perguntas sobre seus próprios objetos, dentre os quais incluem as questões comunicacionais de seu interesse (como processo natural de crescimento epistemológico), recebendo, inclusive, os aportes do campo da Comunicação como estímulo e desafio para questionamentos *em suas lógicas próprias*. O que importa, porém, mais que uma identidade “territorial”, é que o campo da comunicação possa se tornar crescentemente fornecedor de perguntas e de procedimentos para obter respostas, que não seriam expressamente elaboradas algures.

Correlatamente, para termos um “campo de estudos” ou mesmo uma disciplina consistente, não é preciso desenvolver consensualidade abrangente, em torno de “uma teoria” que defina o campo. Observamos que, inversamente, as disciplinas plenamente constituídas (como a Psicologia, por exemplo) comportam tendências, “escolas”, ângulos diversificados no que se refere a seus objetos de interesse prioritário, a seus métodos preferenciais, ao modo de perceber o próprio campo. Não raro, estas variações se desenvolvem em franco debate (ou mesmo conflito) entre si. Não é a *definição consensual* que determina a disciplina – mas o fato de que as diferentes perspectivas se elaboram no contraste (ou seja: são *mutuamente referidas* em termos agonísticos), se lançam desafios, trocam “respostas” e geram nesse movimento mesmo seus avanços.



“Constituir o campo da comunicação” não deve ser pensado como elaborar um bloco monolítico de teorias que, de modo consensual, forneçam explicações e perguntas. Como todas as demais disciplinas humanas e sociais, escolas, ângulos, tendências de “explicação & perguntas” se digladiam – é do tensionamento mútuo entre essas diferentes tendências que se desenvolvem boas problematizações e se constrói a própria disciplina.

* * *

No trabalho em curso na área e no país, em que se reflete sobre o campo, percebemos dois patamares principais, não estanques entre si:

- a abordagem de ângulos e questões referentes a quaisquer objetos e processos sobre os quais se fazem observações e reflexões geradoras de conhecimentos que se pretendem relevantes para a questão comunicacional;

- uma observação dessa produção de ângulos e questões para, por sua vez, refletir transversalmente sobre a diversidade (ou sobre segmentos da diversidade), buscando articulações e desafios mútuos;

O primeiro patamar produz diversidade; o segundo tenta dar sentido ao diverso; tenta superar, por diferentes operações, a dispersão.

É preciso perceber que os dois níveis são complementares – não será possível desenvolver perspectivas mais ou menos coerentes e suficientemente abrangentes sobre o campo sem as contribuições recebidas dos dois níveis.

* * *

A área apresenta, então, uma boa diversidade de textos – em subtemas, em propostas, em objetos empíricos referidos, em níveis de abordagem e em autores (e linhas) referidos. O processo de apreensão, na sua leitura, apresenta certa analogia com o próprio trabalho do pesquisador – no esforço de perceber ângulos diferenciados de abordagem; e no trabalho de dar algum sentido a essa multiplicidade que – de algum modo – interessa ao processo de constituição do campo. Uma tática de interpretação dos textos da área seria a de se indagar sobre as perguntas (a respeito do fenômeno) que são apresentadas ou que se podem inferir das angulações elaboradas.



Quando se trata de textos em que o âmbito de reflexão é mais abstrato, sem referência expressa a conjuntos de fenômenos concretamente identificáveis – materiais empíricos – é possível rastrear as questões que, centralmente, são ou podem ser dirigidas a instâncias e segmentos da realidade (ao mesmo tempo “definindo” o que seria essa realidade interessante).

Quando se trata de textos voltados para empíricos discerníveis, recortados pelo próprio texto, podemos verificar se há questões expressamente dirigidas a estes – enquanto perguntas cruciais. Ou, através das afirmações feitas no artigo sobre os fenômenos que aborda, perceber a que ordem de perguntas tentam responder.

Com tal *démarche*, perceberemos o relevante conjunto de *respostas*, mas – de modo mais interessante – também o conjunto de *perguntas* que a área oferece, direta ou indiretamente. Algumas serão vizinhas, outras mais dispersas. Mas conjunto representa uma topografia (sempre lacunar, é claro – pois isso é o próprio de um campo em construção) que evidencia o terreno de prospecção.

De posse desse acervo, podemos então, de nossa parte, como leitores e pesquisadores, fazer o jogo da articulação, das inferências transversais, das relações a estabelecer entre tais propostas e nossos próprios interesses de pesquisa. Não simplesmente decidindo “o melhor ângulo a aplicar” – mas buscando, sobretudo, para além dos que “nos servem”, aqueles que “incomodam” – que tensionam nossos objetos, que assinalam questões que não deveriam ser esquecidas. Podemos assim enriquecer nosso próprio trabalho de pesquisa por tal problematização, que estas leituras ajudam a estimular sobre nossos objetos – ampliando a perspectiva e reforçando não só sua inscrição no campo, mas também “exigindo” de nosso trabalho pessoal, por sua vez, sua própria contribuição para *pensar a comunicação*.

TITULO E RESUMOS DOS DEMAIS ARTIGOS A SEREM APRESENTADOS

Algumas linhagens de construção do campo epistemológico da comunicação

Jairo Ferreira

Resumo

O artigo parte do conceito desenvolvido pelo autor do campo epistemológico da comunicação. Esse conceito é ancorado numa perspectiva conceitual (dispositivos midiáticos), que coloca em relação ação, linguagem, técnica e tecnologia na análise dos meios. Dessa articulação, o artigo analisa vários textos acadêmicos da comunicação, procurando identificar a construção sócio-cognitiva do campo



epistemológico. Identifica movimentos de como a construção de objetos e problemas do campo da comunicação está em relação com outros, e, ao mesmo tempo, produz a sua singularidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, A. *Os desafios epistemológicos da comunicação mediada pelo computador*. COMPOS. XI Encontro Anual. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- AUMONT, J. À parte do dispositivo. In: *A imagem*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995. p. 135-195
- BOURDIEU, P. *Razões práticas*. São Paulo: Papirus, 1997.
- BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO, Antônio; PRADO, José Luis; PORTO, Sérgio. *Campo da comunicação – caracterização, problematizações e perspectivas*. 2001. p. 11-40.
- BRAGA, J. L. *Sobre “mediatização” como processo interacional de referência*. GT Comunicação e Sociabilidade. XV Encontro Anual da Compós. Bauru, junho, 2006. CD-Rom.
- BRAGA, J. L. Sobre a Conversação. In: *Brasil – Comunicação, Cultura & Política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 289-308.
- CHAMPAGNE, P. *Faire l’opinion: le nouveau jeu politique*. Paris: Minuit, 1990.
- FERREIRA, J. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: LEMOS, André; PRYSTON, Angela; SILVA, Juremir Machado da; SÁ, Simone Pereira de (org.). *Mídia.br. Livro da XII Compós – 2003*. Porto Alegre, 2004, v. 1, p. 115-129.
- . Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. In: *Líbero*, ano IX, n. 17, jun, 2006.
- Jairo Ferreira 43
- GOMES, P. G. Os processos midiáticos como objeto de estudo. In: —. *Tópicos da teoria da Comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 18-33.
- MARTINO, L. C. Elementos para uma epistemologia da comunicação. In: FAUSTO, Antônio; PRADO, José Luis; PORTO, Sérgio. *Campo da comunicação – caracterização, problematizações e perspectivas*. p. 77-91, 2001a.
- MARTINO, L. C. *As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação. Epistemologia da Comunicação*. LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (org.). São Paulo: Loyola, 2003.
- MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo, 1997.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PIAGET, J. desenvolvimento do pensamento. Equilíbrio das Estruturas Cognitivas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977a.
- RODRIGUES, A. D. O dispositivo da enunciação. In: *Comunicação e Cultura – A experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença, 1994. p. 141-156.
- RODRIGUES, A. D. *A partitura invisível. Para uma abordagem interactiva da linguagem*. Lisboa: Colibri, 2001.
- RODRIGUES, A. A autonomização do campo dos media. In: REVAN, Raimundo Santana (org.). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Teresina: UFPI, 2000. p. 199-215.
- SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e mediatização. In: MORAES, D. *Sociedade mediatizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 19-31.
- WALTER-BENSE, E. *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BOLAÑO, C. *A centralidade da chamada Economia Política da Comunicação (ECP) na construção do campo acadêmico da Comunicação: contribuição crítica*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XIV Encontro da Compós, em Niterói, na UFF, 2005.
- SIGNATES, L. *Avanços habermasianos à epistemologia da comunicação, na perspectiva do desenvolvimento das teorias sociais*. Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XIII Encontro da Compós, na UFP, Recife, 2004.
- FERRARA, L. *Por uma cultura epistemológica da comunicação*. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XIII Encontro da Compós, UFP, em Recife, 2004.

2. Transmissão vs. autogeração: revendo modelos e problematizando teorias no estudo da Comunicação

Irene Machado

Resumo



Quanto mais a cultura se revela potencialmente criadora de linguagens, menos os modelos teóricos consagrados se prestam à compreensão de relações imprevisíveis. A própria linguagem se torna constituinte do que é total ou parcialmente criado no processo comunicativo. Diante desse fato, a revisão crítica de modelos que entendem por comunicação a transmissão como troca eficiente de mensagens, abre caminho para focalizações orientadas pela mediação entre códigos culturais. Em vez de transmissão eficiente de informação, surge a valorização de processos de interação observado na modelização das mensagens, tais como a recodificação e o processamento de códigos. Configura-se um espaço favorável 78 5. Transmissão vs. Autogeração à reflexão de processos de auto-organização de códigos e de linguagens e, conseqüentemente, de produção de um conhecimento sobre interações que estão longe de configurar comunicação por meio de um único modelo teórico. Esta é a síntese da investigação que se apresenta neste artigo.

Referências

- GIBSON, J. J. The concept of optical information. *The Ecological approach to Visual perception*. London: Lawrence Erlbaum, 1986. p.62-3.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação* (trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix, 1971.
- . *On Language* (Linda R. Waugh e Monique Monville-Burston, Eds.). Cambridge/London: Harvard University Press, 1990.
- KONDRATOV, A. *Sons e sinais na linguagem universal. Semiótica, cibernética, linguística* (trás. T. C. Góes Campos). Brasília: Coordenada, 1972.
- LOTMAN, I. M. *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto* (trad. Desidério Navarro). Madrid: Cátedra, 1996.
- LOTMAN, J. M. *La semiosfera. L'asimetria e il dialogo nelle strutture pensanti* (trad. Simonetta Salvestrini). Venezia: Marsilio, 1985.
- LOTMAN, I. M. *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Tradução de Ann Shukman. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- MARCUS, S. (1997) Media and self-reference: The forgotten initial state. In *Semiotics of the Media. State of the Art, Projects, and Perspectives* (Winfried Nöth, Ed.). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p. 15-47.
- . From the aboutness approach to the self-referential approach. In *Tracing the Semiotic Boundaries of Politics* (Pertti Ahonen, Ed). Berlin: Mouton de Gruyter, 1993. p. 371-91.
- MATTELARD, A.; MATTELARD, M. *Rethinking Media Theory*(trans. James A. Cohen and Marina Urquidi). Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.
- NEIVA Jr., E. (1990) *Comunicação. Teoria e prática social*. São Paulo: Brasiliense.
- SAMAIN, E. (1998) Apresentação: Para uma antropologia da comunicação. In: WINKIN, Yves. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1998.
- SODRÉ, M. Apresentação. NEIVA Jr., Eduardo (1990). *Comunicação. Teoria e prática social*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SONESSON, G. The life of signs in society – and out of it: Critique of the communication critique. *Sign Systems Studies*, University of Tartu, n. 27, 1999. p. 88-127.
- . The multimediatioin of the lifeworld. In *Semiotics of the Media. State of the Art, Projects, and Perspectives* (Winfried Nöth, Ed.). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. p. 61-77.
- TOROP, P. A Escola de Tártu como escola. In MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp, 2003.
- TSIVIAN, Y. *Early Cinema in Russia and its Cultural Reception* (trad. Alan Bodger); Chicago & London: The University of Chicago Press, 1991.
- VILCHES, L. *La migración digital*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- WINKIN, Y. (org.) *La Nouvelle Communication*. Paris: Seuil, 1981.

Pragmatismo: referência epistemológica para ciberativistas?

Francisco José Paoliello Pimenta

Resumo

Este trabalho apresenta conclusões parciais de pesquisa de pós-graduação



intitulado “Possibilidades da Hiperfídia no Ativismo Global”, que investiga possíveis relações entre a utilização de suportes hiperfídia, como instrumentos de estfmulo a ações polfticas diretas de âmbito global, e a formação de novos hábitos de conduta ligados à democracia participativa e a um internacionalismo renovado. Analisar-se o emprego do Pragmatismo de Peirce como referência teórica para a construção de *sites* voltados para o ciberativismo global, por meio de plataformas multicdigos semelhantes aos dos jogos eletrnicos, em contraste com práticas derivadas da compreensão semiótica da hiperfídia como linguagem ainda de caráter predominantemente verbal.

Referências

- BURKE, T. [s.d.] “The Pragmatic Maxim”. In Digital Encyclopedia of Charles Sanders Peirce < www.digitalpeirce.fee.unicamp.br/>
- FERRARA, L. *Design em espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.
- . *Cidade: Fixos e Fluxos*. In: *Anais do Simpósio Interfaces das Representações Urbanas em Tempos de Globalização*. Bauru: SESC-SP, FAAC, AGB, 2005.
- JACQUES, P. B. (org.). *INTERNACIONAL SITUACIONISTA – Apologia da Deriva*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- MADDALENA, G. [s.d.] Rational Instinct and doubts on pragmatism. In: *Digital Encyclopedia of Charles Sanders Peirce*. < www.digitalpeirce.fee.unicamp.br/>
- MURRAY, J. *Hamlet no Holodeck*. São Paulo: UNESP, 2003.
- NESHER, D. A Pragmatic Theory of Meaning. In: *Semiotica* 44 3/4. Amsterdam: Mouton, 1983.
- PEIRCE, C. S. *Collected Papers*. 8v. Cambridge: Harvard University Press, 1931/1958.
- PIMENTA, F. J. P. Duas Abordagens Semióticas do Ativismo via Hiperfídia. In: *Anais do XIV COMPS* (CD). Niterói: UFF/COMPS, 2005.
- ; FRANCO, J. M. Mumbai 2004: Ativismo Polftico e Signo Genuíno. In: *Anais do XVII INTERCOM* (CD). Porto Alegre: PUCRS, 2004a.
- ; SOARES, L. P. Euromayday 2004: Ativismo polftico pela rede. In: *Líbero*, ano VI, n. 12, p. 30-5. São Paulo: Faculdade Csper Líbero, 2004b.
- POTTER, V. *Peirce: Philosophical Perspectives*. Fordham: Fordham University Press, 1996.
- SANTAELLA, L. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: UNESP, 2000.
- . *Esttica, de Platão a Peirce*. São Paulo: Experimento, 2004.
- VARGES, J. RPGs On-line como Desvio do Ideário Situacionista. In: *Anais do III ENRECOM* (CD). Juiz de Fora: FACOM/UFJF, 2005.
- WENZEL, C. Jogos Eletrnicos e Ativismo Global. In: *Anais do III ENRECOM* (CD). Juiz de Fora: FACOM/UFJF, 2005.